

*ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL DO
GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM
DO CENTRO-OESTE:
INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL*

*Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)*

Brasília

2004

Componentes da Diretoria do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GELCO

Presidente

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Vice-Presidente

Maria Zaira Turchi (UFG)

Primeira Secretária

Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS)

Segunda Secretária

Hilda Orquídea Hartman Lontra (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Manoel Mourivaldo de Almeida (UFMT)

Segunda Tesoureira

Maria Raquel Galán (ULBRA/TO)

E56	<p>Encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social (2. 2003 : Goiânia)</p> <p>Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.</p> <p>1. Linguística-Centro-Oeste. 2. Linguística-conferência. 3. Linguística aplicada. 4. Literatura. I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.</p> <p>CDU 801(817)(061.3)</p>
-----	--

Endereço para correspondência:

Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – **GELCO**

UnB – IL – LIV

Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC Norte, subsolo, módulo 20

CEP 70910-900 – Brasília – DF

SOBRE O ESTATUTO DAS FORMAS PRONOMINAIS EM APURINÃ (ARUÁK)

Sidi Facundes (UFPA)

Abstract

An initial look at the properties of independent and dependent pronominal forms indicate that they all share certain grammatical traces, allowing their clustering as formal variants of the same grammatical word. However, detailed analysis reveals asymmetries which lead to the conclusion that any synchronic analysis of the data will have to deal with aspects of these pronominal phenomena that ultimately can only be accounted for by positing an intermediary stage of grammaticalization from words to affixes.

Keywords: Apurinã; Arawak; pronouns; cliticization; morphology

A língua Apurinã pertence à família Aruák, e é falada principalmente em comunidades que se espalham ao longo de tributários do Rio Purus, no sudeste do Estado do Amazonas. Este trabalho analisa as propriedades das principais formas pronominais encontradas na língua, apresentando semelhanças e diferenças entre um grupo pronominal de formas independentes e dois grupos pronominais de formas dependentes para, ao final, revelar os problemas que tais propriedades apresentam para qualquer tentativa de descrever tais fenômenos pronominais nessa língua através de uma análise estritamente sincrônica.

Apurinã tem **formas pronominais pessoais independentes** e **formas pronominais pessoais dependentes**. O termo “pronominal” é utilizado aqui para designar elementos que, sob certas circunstâncias, podem ser utilizados como substitutos de nomes ou sintagmas nominais (Schachter, 1985:24-25, Givón, 1984:354-356). Formas pronominais “pessoais” se referem às pessoas do discurso (participantes ou não participantes). Além da pessoa do discurso, os pronomes pessoais dependentes indicam número e, no caso da terceira pessoa, gênero. Em Facundes, 2000a:379-385 e 2002:72-78, as formas pronominais pessoais dependentes foram descritas como membros da classe dos Morfemas Flutuantes, *i.e.* morfemas especiais que apresentam algumas propriedades reminiscentes de clíticos. Tais propriedades motivam o tratamento dessas formas pronominais como elementos proclíticos e enclíticos¹. As formas pronominais proclíticas são empregadas em nomes e verbos, nos primeiros denotando o possuidor e nos segundos na função de sujeito. Já as formas pronominais enclíticas são empregadas somente nos verbos e exercem a função de objeto. Em ambos os casos, as formas presas também indicam pessoa, número e gênero (para a terceira pessoa). A Tabela 1 lista as formas pronominais e suas propriedades, e os diagramas em (1) representam a estrutura de nomes e verbos em Apurinã, situando a classe posicional dos pronomes dependentes (em negrito) entre os morfemas flutuantes².

O diagrama em (1a) indica que o nome pode consistir de um radical que tem uma raiz livre (R_1) que pode combinar-se à outra raiz livre, e a um ou mais nome classificatório (NC); essa raiz pode ainda ocorrer com sufixos derivacionais. O radical pode também consistir de uma raiz presa (R_2) ou de um verbo, os quais requerem a presença de um sufixo

¹ O problema que as propriedades dos Morfemas Flutuantes apresentam para a tipologia dos clíticos foi discutido em Facundes, 2002d.

² A Tabela 1 e os diagramas em (1) atualizam, com algumas correções, as versões anteriores apresentadas em Facundes, 2000 e 2002d.

nominalizador. É a esse radical nominal, simples ou composto, que as formas proclíticas e enclíticas, incluindo as formas pronominais, podem ser adicionadas para formar um nome complexo¹. A estrutura do verbo, representada em (1b), é ainda mais complexa. Ela consiste de quatro níveis hierárquicos. A base₀ pode ter uma raiz livre (R₁) que pode ser combinada com um nome ou nome classificatório incorporado ao verbo; a base₀ pode ainda ter uma raiz presa (R₂) ou nome, os quais podem também ser combinados com um nome ou nome classificatório que ocorre incorporado ao verbo. A base₁ inclui a base₀ e os sufixos da classe 1 – que, quando presentes no verbo, requerem a presença do marcador de radical verbal, *-ta*. A base₂ inclui a base₁ mais os sufixos da classe 2 – que não exigem a presença do marcador de radical verbal. Finalmente, a base verbal complexa (V^v) inclui a base₂ e os morfemas flutuantes².

Tabela 1: Pronomes dependentes vs. pronomes independentes³

Pessoa, Gênero & Número	Formas Pronominais Pessoais		
	Pronomes Independentes	Pronomes Dependentes	
	Sujeito/Possuidor/Objeto	Sujeito/Possuidor	Objeto
1SG	<i>nota</i>	<i>nu-</i>	<i>-ru</i>
2SG	<i>pite</i>	<i>pu-</i>	<i>-i</i>
3M.SG	<i>uwa</i>	<i>u-</i>	<i>-ru</i>
3F.SG	<i>owa</i>	<i>o-</i>	<i>-ro</i>
1PL	<i>ata</i>	<i>a-</i>	<i>-wa</i>
2PL	<i>hi~te</i>	<i>hi~-</i>	<i>-i</i>
3M.PL	<i>unawa</i>	<i>u-...-na</i>	<i>-ru</i>
3F.PL	<i>unawa</i>	<i>o-...-na</i>	<i>-ro</i>

¹ 3PL.POSS corresponde ao marcador do plural para a terceira pessoa, e obrigatoriamente co-ocorre com a forma proclítica da terceira pessoa. Há algumas variações dialetais envolvendo as formas pronominais. Tais variações afetam a forma de alguns elementos pronominais, mas sem alterar o arranjo e funcionamento do sistema pronominal da língua, e, por isso, são ignoradas neste trabalho.

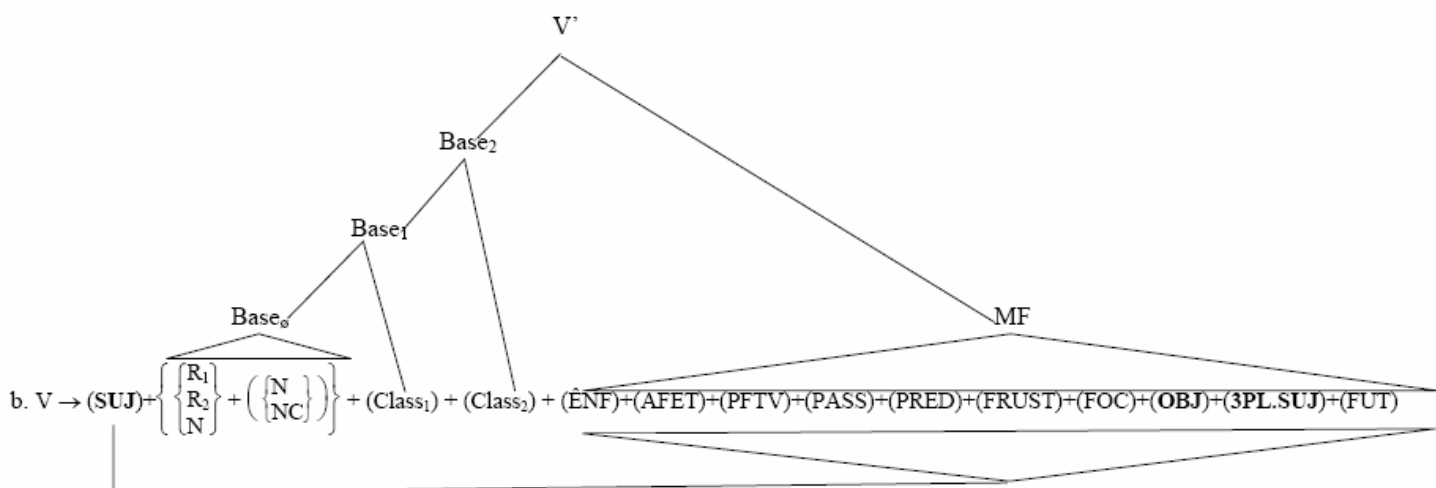
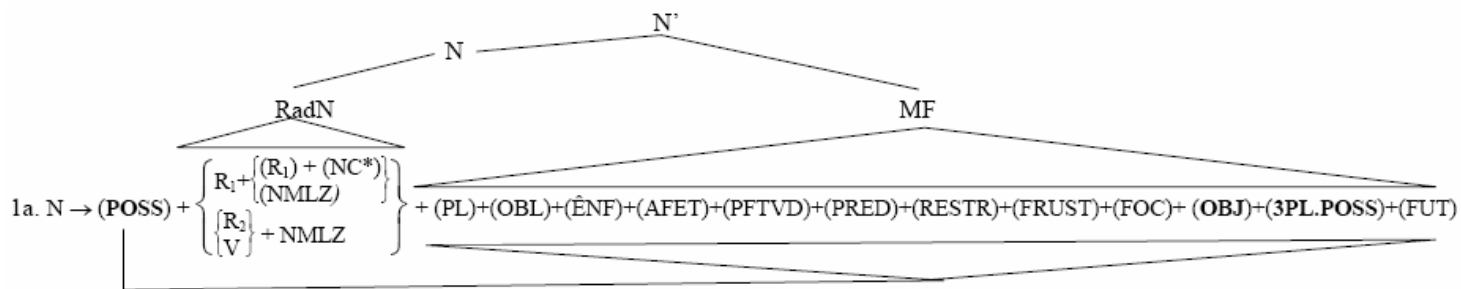
² Os dados que ilustram e motivam a estrutura interna de nomes e verbos acima discutida foram descritos em Facundes, 2000, nos capítulos 4, 5 e 7, e, por restrição de espaço, não serão reproduzidos aqui.

³ Abreviações usadas:

AFET=afetado	N=nome	R ₂ =raiz presa
ASSOC=associativo	NC=nome classificatório	RadN=radical de nome
DESPOSS=despossuído	NMLZ=nominalizador	REC=recíproco
ÊNF=ênfase	OBJ, O, -o=objeto	RESTR=restritivo
F.CAUSAL=fonte causal	PASS=passiva	SUJ, S, s=sujeito
FOC=foco de atenção	PFTV=perfectivo	V=verbo
FRUST=frustrativo	PFTVD=perfectividade	VBLZ=verbalizador
FUT=futuro	PL=plural	
GER=gerúndio	POSS=possuidor	
INTR=intransitivizador	POSSDO=possuído	
M=masculino	R ₁ =raiz livre	

II ENCONTRO NACIONAL DO GELCO: INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL

Os dados a seguir ilustram as funções das formas pronominais, sendo representativos também das formas não ilustradas. O nome para ‘moça’, *hãtakoro*, que funciona como sujeito em (2a) é substituído pelo pronome independente para a terceira pessoa, feminina, singular, *owa* em (3a). O nome próprio (de mulher) *wãpiaro* ocorre em (2b) como possuidor (de ‘canoa’); esse mesmo possuidor é denotado também pelo pronome independente *owa* em (3b) e pelo pronome dependente *o-* em (3c). A construção para ‘filha de Wãpiaro’, *wãpiaro ãkero*, que funciona como objeto em (2b), é substituída pela co-ocorrência do pronome dependente para terceira pessoa, feminina, *-ro*, e do pronome independente para terceira pessoa, feminina, singular, *owa* em (3d). (3e) demonstra que o pronome dependente para objeto pode sozinho funcionar como objeto na oração¹.



¹ Note que a forma do pronome dependente para terceira pessoa, feminina, objeto, *-ro*, apresenta a mesma forma que o marcador de gênero feminino nos nomes. O mesmo é verdade em relação ao pronome dependente para terceira pessoa, masculina, objeto, *-ru*, e o marcador do gênero masculino nos nomes. Essa semelhança na forma fonológica tem sido até o presente presumida como resultante do desenvolvimento histórico desses morfemas e que somente em um grau de análise bastante abstrato pode ser considerada relevante para o seu *status* morfológico sincrônico.

- 2a. **hātako-ro** *umaka-nanu-ta*
 jovem-F dormir-PROG-VBLZ
 ‘A moça está dormindo.’
- b. [**wāpiaro** *āke-ro*] *hātako-ro atama-ta*
 Wāpiaro filho-F jovem-F ver-VLBZ
 ‘A moça viu a filha da Wāpiaro.’
- 3a. **owa** *umaka-nanu-ta*
 3SG.F dormir-PROG-VBLZ
 ‘Ela está dormindo.’
- b. [**owa** *āke-ro*] *hātako-ro atama-ta*
 3SG.F filho-F jovem-F ver-VLBZ
 ‘A moça viu a filha dela.’
- c. *hātako-ro* [**o-āke-ro**] *atama-ta*
 jovem-F 3SG.F-filho-F ver-VLBZ
 ‘A moça viu a filha dela.’
- d. *hātako-ru atama-ta-ro* **owa**
 jovem-M ver-VLBZ-3F.O 3SG.F
 ‘O moço a viu.’
- e. *hātako-ru atama-ta-ro*
 jovem-M ver-VLBZ-3F.O
 ‘O moço a viu.’

Portanto, como demonstram os dados acima, pronomes independentes e pronomes dependentes proclíticos compartilham duas de suas funções sintáticas, ou seja, podem funcionar como sujeito ou denotar o possuidor; essas duas classes pronominais, no entanto, divergem entre si no que tange à possibilidade de funcionar como objeto: os pronomes independentes podem funcionar como sujeito em uma oração, mas como objeto em outra (*cf. owa* em (3a,d)); já os dependentes proclíticos não podem funcionar como objeto, pois essa é a função dos dependentes enclíticos (*cf. (3d,e)*). Em contraste, os enclíticos são os mais especializados dos três tipos pronominais, pois sua função sintática se restringe à indicação do objeto, *i.e.* eles não podem funcionar como sujeito nem denotar o possuidor.

Os dados em (3d) e (3e), respectivamente, já demonstraram que dependentes enclíticos e sintagmas nominais co-referenciais podem co-ocorrer quando os últimos são pós-verbais, e que os enclíticos podem ocorrer sozinhos (*i.e.* sem o apoio de um sintagma nominal ao qual é co-referencial) na oração, no papel do objeto. Os dados em (4) demonstram que o mesmo se aplica aos dependentes proclíticos. Em (4a) um pronome proclítico e um sintagma nominal co-referenciais co-ocorrem na mesma oração, e em (4b) o mesmo proclítico ocorre sem o apoio de um sintagma nominal denotando o mesmo referente:

4a. **o-umaka-nanu-ta** **hātako-ro**
 3SG.F-dormir-PROG-VBLZ jovem-F
 ‘A moça está dormindo.’

b. **o-umaka-nanu-ta**
 3SG.F-dormir-PROG-VBLZ
 ‘Ela está dormindo.’

Os dados em (5a,b), contudo, revelam que a co-ocorrência de sintagmas nominais e pronomes dependentes co-referenciais não é permitida quando aqueles ocorrem em posição pré-verbal. Além disso, os dados em (5c,d) demonstram que sempre que houver um argumento pronominal ocorrendo pós-verbalmente ou sempre que não houver qualquer argumento expresso por uma forma independente (*i.e.* um sintagma nominal), a presença de um pronome dependente é obrigatória. Finalmente, os dados em (5e,f) demonstram que uma forma independente e uma forma dependente proclítica não podem co-ocorrer denotando o mesmo possuidor (*i.e.* quando co-referenciais) dentro de um mesmo sintagma nominal.

5a. ***hātako-ro** **owa** *atama-ta-ro*
 jovem-F 3SG.F ver-VLBZ-3F.O
 (A moça a viu.)

b. ***owa** **o-umaka-nanu-ta**
 3SG.F 3SG.F-dormir-PROG-VBLZ
 (A moça está dormindo.)

c. **umaka-nanu-ta* **owa**
 dormir-PROG-VBLZ 3SG.F
 (Ela está dormindo.)

d. **umaka-nanu-ta*
 dormir-PROG-VBLZ
 ((Ela/ele) está dormindo.)

e. ***[hātako-ro o-āke-ro]** *umaka-nanu-ta*
 jovem-F 3SG.F-filho-F dormir-PROG-VBLZ
 (A filha da moça está dormindo.)

f. ***[owa o-āke-ro]** *umaka-nanu-ta*
 3SG.F 3SG.F-filho-F dormir-PROG-VBLZ
 (A filha dela está dormindo.)

Em resumo, sintagmas nominais (pronominais ou não) e pronomes dependentes co-referenciais estão em distribuição complementar quando os primeiros ocorrem em posição pré-

verbal ou no caso de ambos os sintagmas nominais e os dependentes proclíticos denotarem o mesmo possuidor. Além disso, o número de funções gramaticais codificadas pelos pronomes independentes é maior do que aquelas codificadas pelos pronomes dependentes e, entre estes, é maior para os dependentes proclíticos do que para os dependentes enclíticos, como ilustra a Tabela 2:

Tabela 2: Formas pronominais e suas funções gramaticais

Pronomes Independentes	Proclíticos	Enclíticos
pessoa	pessoa	pessoa
gênero (3a. pessoa)	gênero (3a. pessoa)	gênero (3a. pessoa)
número	número	número
sujeito	sujeito	-----
possuidor	possuidor	-----
objeto	-----	objeto

A diferença funcional entre pronomes independentes e proclíticos pronominais desapareceria diante de uma análise da gramática da língua em que ambas as formas pronominais codificassem pessoa, gênero e número apenas. Segundo essa análise, as noções de sujeito e possuidor seriam codificadas pela configuração sintática da oração, nos casos em que não houvesse um proclítico no verbo, e pela classe posicional do elemento proclítico no verbo (como já proposto em Facundes, 2000a: 384-385 e 2002). Ou seja, em orações como (6), o que indica que *nota* corresponde ao sujeito na oração é o fato de que o pronome ocorre imediatamente antes do verbo. Isso explicaria por que a ordem SOV não ocorre em textos espontâneos (Facundes, 2000c): na ausência de proclíticos pronominais no verbo, a posição pré-verbal é o indicador da função de sujeito. De modo análogo, o pronome *owa* em (3b) seria interpretado como possuidor em virtude de sua ocorrência imediatamente antes de um sintagma nominal e não de um verbo. Isso explicaria por que a ordem possuidor-possuído é a única possível no caso de sintagmas nominais possessivos. Já em relação aos proclíticos, a forma *o-*, em (4) seria interpretada como sujeito por ocupar a classe posicional que corresponde a essa função gramatical dentro da estrutura verbal (conforme representado em (1b)). De forma análoga, o mesmo elemento proclítico em (3c) é interpretado como possuidor devido a sua classe posicional dentro da estrutura nominal (representada em (1a)). Dito isso, parece razoável concluir que o elemento pronominal dependente constitui uma variante clítica do pronome independente, ou seja, nada mais é do que uma variedade tipológica de **clíticos simples**. A similaridade parcial na forma de pronomes independentes e proclíticos pronominais reforçaria essa análise.

- | | | |
|---------------------|-------------|--------------|
| O | S | V |
| 6. <i>hātako-ro</i> | <i>nota</i> | <i>atama</i> |
| jovem-F | 1SG | ver |
- ‘Eu vi a moça.’

Os enclíticos pronominais, por outro lado, não podem ser automaticamente considerados como também sendo variantes clíticas simples dos pronomes independentes, ainda que a sua classe posicional possa também ser descrita como correspondendo à função de objeto. Alguma motivação teria de ser dada para justificar por que enclíticos e proclíticos têm formas distintas (entre os dois grupos) se ambos correspondem a variantes presas dos pronomes independentes, já que a distinção entre sujeito, objeto e possuidor não faria parte do significado dessas formas pronominais, mas sim

da configuração sintática OSV da oração e das classes posicionais ocupadas pelos pronomes dependentes¹. Uma opção seria relegar a diferença formal entre proclíticos e enclíticos a uma alomorfia condicionada sintaticamente pelas funções sujeito/possuidor vs. objeto. Em relação a essa análise, porém, haveria o seguinte questionamento: Será que dizer que a forma fonológica de tais pronomes dependentes é sensível à (ou é condicionada pela) oposição sujeito/possuidor vs. objeto seria significativamente diferente de dizer que tais elementos de fato são morfemas distintos que marcam sujeito/possuidor e objeto, respectivamente, e, por conseguinte, seriam categorias gramaticais distintas? É mais provável que aqui a análise a ser adotada dependerá de detalhes das pressuposições teóricas do analista; isto é, a diferença entre as respostas a essa pergunta seria mais um artefato da teoria adotada do que algo independentemente justificado por outras propriedades identificadas (sincronicamente) na língua em questão ou mesmo em outras línguas.

Diante do impasse, seria útil levar em consideração o uso das formas pronominais no discurso. Se de fato os três grupos pronominais apresentam o mesmo *status* gramatical, a diferença entre eles sendo apenas fonológica, seria de se esperar que os mesmos fossem explorados no discurso como expedientes mais ou menos associados às mesmas funções discursivas. Afinal, é fácil concordar que um pronome normalmente não será igualmente explorado no discurso tanto para introduzir novos referentes quanto para retomar referentes já introduzidos (Givón, 1995:328-330). Isto é, uma dessas funções discursivas prevalecerá – normalmente a segunda. Uma descrição das propriedades discursivas dessas formas pronominais está além do escopo deste trabalho. O que se pode fazer é ponderar sobre o significado da freqüência de uso desses elementos. Antes, é preciso dizer que distribuição complementar entre pronomes dependentes e sintagmas nominais em condições de co-referencialidade, nos contextos acima descritos, levaria à conclusão de que, quando presentes, os pronomes dependentes são o que de fato codifica o argumento (sujeito/objeto) do verbo (ou o possuidor, em uma construção possessiva), enquanto os sintagmas nominais livres seriam tipos de adjuntos. Como adjuntos, os pronomes independentes não seriam tão freqüentemente associados à função discursiva pronominal principal, ou seja, **anáfora** e **topicalidade** (*i.e.* escala de ativação/acessibilidade de referentes no discurso). O que se esperaria então é que as formas dependentes fossem um expediente mais freqüente na expressão de referentes altamente tópicos; enquanto o contrário seria esperado dos pronomes independentes usados como adjuntos. A pressuposição natural é que normalmente a maior parte do discurso é sobre referentes já ativados na mente do falante; ou seja, usualmente não se introduz um referente novo a cada novo enunciado mas, sim, retoma-se aqueles já mencionados no discurso (ou interpretáveis a partir do contexto ou a partir do conhecimento que o ouvinte tem do universo) para fazer-se algum comentário sobre o mesmo. Por essa razão, o expediente gramatical mais utilizado na retomada do referente já ativado deveria ocorrer com uma freqüência bem maior nos textos do que o expediente menos usado nessa função discursiva. Já que adjuntos são menos freqüentemente associados à retomada de referentes ativados no discurso, eles (ou seja, os pronomes independentes) deveriam ocorrer com freqüência menor em textos espontâneos do que os pronomes dependentes.

A Tabela 3 (adaptada de Facundes, 2000a:556) apresenta a freqüência geral do uso de sintagmas comparada à freqüência de uso de pronomes dependentes em um *corpus* contendo 501 orações com predicados verbais (não descritivos). Os dados quantitativos aqui apresentados ainda são preliminares e fazem parte de uma pesquisa em andamento; desse modo, os números indicam resultados que precisarão ser verificados em um *corpus* maior e no qual outros parâmetros gramaticais sejam também considerados. Os casos em que somente pronomes dependentes são usados constituem menos da metade (40%) do total. Mais da metade das orações (52%) faz uso ao menos de um sintagma nominal. Considerando que sempre que não houver um sintagma nominal funcionando como sujeito/objeto/possuidor em uma oração, necessariamente deverá haver um

¹ As formas *-ro* e *-ru* marcam também a noção de polaridade positiva, em oposição às suas contrapartes negativas *-tu* e *-to*, o que adicionaria ainda uma outra assimetria entre proclíticos e enclíticos, uma que se aplica apenas à terceira pessoa.

pronome dependente pronominal co-referencial, seria de se esperar uma frequência bem maior de s-V(-o), se este de fato é o expediente principal de retomada de referentes ativados no discurso. A frequência de uso de sintagmas nominais, ao contrário, deveria ser menor do que atesta a Tabela 3.

Tabela 3: Frequência de uso de sintagmas nominais como sujeito e objeto

s-V(-o)	V, SN	V, SN, SN	Total
200 (40%)	258 (52%)	43 (8%)	501 (100%)

Portanto, o tanto o *status* gramatical das formas pronominais, quanto o seu *status* discursivo indicam uma assimetria parcial sob uma visão sincrônica das propriedades desses elementos. Em função disso, se, por um lado, uma análise que tente descrever tais fenômenos como variantes formais de uma mesma categoria gramatical enfrentará problemas ao tentar motivar tal assimetria, por outro lado, uma análise que dê prioridade às diferentes propriedades de cada grupo pronominal não terá a possibilidade de motivar as propriedades comuns que tais fenômenos apresentam. Tudo isso sugere que as formas pronominais presas nessa língua ainda estão em um estágio de gramaticalização que dificulta categorizá-las de forma absoluta e em termos de propriedades (platonicamente) discretas. Ou seja, nem os pronomes dependentes perderam completamente os principais traços originais de suas fontes independentes, nem os pronomes independentes adquiriram todas as propriedades (gramaticais e discursivas) mais típicas de pronomes. Além disso, nem os pronomes dependentes adquiriram o *status* mais típico de marcadores de concordância ou de marcadores de co-referencialidade mais comumente encontrados em outras línguas, nem os pronomes independentes passaram a ser estritamente utilizados como simples adjuntos ao invés de argumentos nucleares do verbo. Finalmente, os dados aqui apresentados levantam questões sobre como categorizar sincronicamente formas lingüísticas que ainda não cruzaram a fronteira que separa categorias gramaticais distintas, e sobre como os falantes conseguem aprender e operar a sua gramática com tais formas lingüísticas. É possível que estudos sobre o fluxo de informação discursiva, perspectiva ou outros fenômenos que operam além das fronteiras sintáticas revelem algum sistema em torno do qual o uso de tais formas pronominais se organize; tal estudo, contudo, constituiria um outro artigo.

Referências Bibliográficas

- FACUNDES, Sidney da S. **The Language of the Apurinã People of Brazil**. Tese de Ph.D., SUNY-Búfalo: Búfalo, 2000a.
- _____. Historical Linguistics and Its Contribution to Improving the Knowledge of Arawakan. In: J. D. Hill e F. Santos-Granero (Ed.). **Comparative Arawakan Histories**. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, pp. 74-96, 2000b.
- _____. Argument Expression in Apurinã (Arawak): In. Hein van der Voort e Simon van de Kerke (Eds) **Indigenous Languages of Lowland South America**. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), Universiteit Leiden: Holanda, pp. 265-295, 2000c.
- _____. Morfemas “flutuantes” em Apurinã e a Tipologia dos Clíticos. *Liames*, 2:63-83, 2002.
- GIVÓN, T. **Syntax. A Functional Typological Introduction**, vol. 1. John Benjamins: Amsterdam, 1984.
- _____. **Functionalism and Grammar**. John Benjamins: Amsterdam, 1995.
- SCHACHTER, Paul. Part of Speech Systems. In: Timothy Shopen (ed.), **Language Description and Syntactic Typology. Clause Structure**, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-61, 1985.